

ESTUDOS CPC 5

**DOMESTICIDADE,
GÊNERO E
CULTURA MATERIAL**

Flávia Brito do Nascimento, Joana Mello de Carvalho e Silva,
José Tavares Correia de Lira e Silvana Barbosa Rubino (orgs.)

CPC
CENTRO DE
PRESERVAÇÃO
CULTURAL **USP**

edusp



Reitor
Vice-Reitor



Pró-Reitor
Pró-Reitora Adjunta



Diretora
Vice-Diretora

Administração

Especialistas



Diretora-presidente

Presidente
Vice-presidente

Editora-assistente
Chefe Téc. Div. Editorial

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Marco Antonio Zago
Vahan Agopyan

PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Marcelo de Andrade Roméro
Ana Cristina Limongi-França

CENTRO DE PRESERVAÇÃO CULTURAL

Mônica Junqueira Camargo
Fernanda Fernandes da Silva

André Ricardo da Silva
Antonio Francisco Barros de Azevedo
Antonio Alves de Almeida Filho
Bruna Gabriela Elias
Ewerton da Silva Vilela

Ana Célia de Moura
Cibele Monteiro da Silva
Gabriel de Andrade Fernandes
Lucimara Vianna
Maria Del Carmen Hermida Martinez Ruiz
Sabrina Studart Fontenele Costa

EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Valeria De Marco

COMISSÃO EDITORIAL
Rubens Ricupero
Carlos Alberto Barbosa Dantas
Carlos Alberto Ferreira Martins
Maria Angela Faggin Pereira Leite
Mayana Zatz
Tânia Tomé Martins de Castro
Valeria De Marco
Carla Fernanda Fontana
Cristiane Silvestrin

CONFORTO, BEM-ESTAR E CULTURA MATERIAL NA FRANÇA

Monique Eleb

O conforto é tanto uma noção construída quanto uma conquista. Ao longo do século xx essa noção deixou de ser a expressão de um sentimento qualitativo ou subjetivo para se tornar algo mensurável, objetivo, ligado às ideias de equipamento habitacional e progresso. Enquanto tal, ela coloca em questão a relação da sociedade com o corpo e com a concepção movediça de bem-estar. A ideia de fornecer a todos um mínimo necessário de bem-estar, dimensionado por técnicos, e mesmo por tecnocratas, guiará na verdade múltiplas escolhas. O conforto remete também a ideais de sociedade. Assim, a concepção de felicidade que se difunde nos anos 1950, após um período de privações, liga-se à posse de objetos e equipamentos que supostamente aliviariam o trabalho caseiro e “libertariam a mulher”, dona de seu lar higiênico e, mais importante ainda, esteio do homem. Quem ousaria defender esse discurso hoje em dia?

O CONFORTO, ENTRE VALOR POSITIVO E MODO DE VIDA

Na virada do século xx o termo *comfort* é tomado de empréstimo à língua inglesa e se torna *confort* em francês. Entendido como um prazer cotidiano

Professora honorária e pesquisadora-membro do Laboratório Architecture, Culture et Société da École Nationale Supérieure d'Architecture Paris-Malaquais. Autora de *Architectures de la vie privée; maisons et mentalités. xvii-xix siècles* (Paris, Archives de l'Architecture Moderne, 1989, reeditado em 1999, coautoria com Anne Debarre); *L'apprentissage du chez soi: le Groupe des Maisons Ouvrières, avenue Daumesnil, Paris, 1908* (Marselha, Parenthèses, 1994); *L'invention de l'habitation moderne. Paris, 1880-1914* (Bruxelas/Paris, Archives d'Architecture Moderne/Hazan, 1995, reeditado em 2000, em coautoria com Anne Debarre); *Casablanca: Mythes et figures d'une aventure urbaine* (Paris, Hazan, 1998, reeditado em 1999 e 2004, com Jean-Louis Cohen); *Entre voisins: Dispositif architectural et mixité sociale* (Paris, Les Éditions de l'Épure, 2000, com Jean-Louis Violeau); *A deux chez-soi* (Paris, Les Éditions de l'Épure, 2002); *Entre confort, désirs et normes. Le logement contemporain: 1995-2010* (Paris, Mardaga, 2013, coautoria com Philippe Simon).



1
Publicidade "Moulinex libère la femme". Sim, mas é uma mulher de avental com seu casaco de malha por perto. Uma imagem tendenciosa da feminilidade! Outras imagens são piores, pois o homem oferece presentes à "sua" mulher, a fim de aumentar seu próprio bem-estar. *Arts Ménagers*, n. 135, 1961.

ou uma necessidade, o termo passa a descrever uma série de imperativos: cuidar do próprio corpo, aprender a relaxar e pouco a pouco adquirir o hábito de se banhar diariamente, o que transforma a habitação. Do ponto de vista das famílias de posse, o conforto corresponde a uma sofisticada arte de viver que desde então integra exigências. As posições dos higienistas já haviam sido interiorizadas, reconhecendo-se a importância crucial da boa aeração e iluminação dos interiores, de viver em casas com janelas grandes e bem posicionadas. O surgimento de redes técnicas de abastecimento (água, gás, energia elétrica, telefone) no fim do século XIX melhora progressivamente a vida cotidiana, embora continue a reproduzir as desigualdades sociais, já que alguns desses equipamentos só chegariam aos bairros pobres muito tempo depois e a água corrente ainda não estaria disponível em toda a Grande Paris até o início dos anos 1950.

Eram péssimas as condições de habitação das classes populares no início do século XX. O número de pessoas por cômodo era elevado e, além disso, como se sabe, uma única cama era frequentemente utilizada por várias pessoas. Ter uma cama própria era ainda, para muitos, um sonho. A separação entre os quartos de pais e filhos, assim como das crianças por sexo, era uma meta apregoada por filantropos e moralistas, mas era ainda algo difícil de atingir. Enquanto tal, o conforto se ligava ao número de pessoas por cômodo da casa, à presença de um banheiro privado, de uma janela ou de uma lareira, e ter água corrente em casa continuava a ser um luxo.

No *habitat* experimental de fundações filantrópicas, que prefigura o *habitat* social do século XX e no qual normas são impostas, algumas das quais ainda vigentes, a circulação de ar nos imóveis é calculada e mesmo projetada nos projetos. A cubagem de ar nos cômodos e a direção da luz solar são estudados e controlados, e o poder microbicida do sol é fortemente enfatizado. A direção leste-oeste é privilegiada para que todos os cômodos recebam a luz direta do sol em algum momento do dia.

Os comitês oficiais de vigilância das habitações econômicas ("*habitation à bon marché*", HBM na sigla em francês), que são financiadas pelo Estado conforme as leis Siegfried e Strauss do início do século XX, só liberam o alvará

de ocupação se certos requisitos forem cumpridos tendo em vista a proteção dos locatários: os cômodos devem ter, no mínimo, 9 metros quadrados, orientação solar calculada em função do andar, aquecimento, água corrente etc.

Os Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (Ciam) darão continuidade a essa tradição higienista entre 1928 e 1959, promovendo simultaneamente a circulação de ar e a funcionalidade, às vezes em detrimento da complexidade simbólica da moradia e de seu ambiente. Há, porém, exceções. O corpo sadio é central em suas reflexões, mas ele é também um corpo esportivo e pouco sensual, sobretudo quando se trata de abrigar a classe operária nesse *habitat* mínimo. Ao mesmo tempo, arquitetos menos radicais construíram edifícios arejados com pátio, não menos salubres e com frequência mais urbanos, como aqueles no cinturão de tijolos vermelhos de Paris.

A classe operária, recém-chegada do mundo rural à região parisiense, descobre o conforto e a comodidade em certos domicílios bem estudados, e aprende a amar o “estar em casa”, a apreciar o charme de um interior limpo, bem arrumado, elegante, valores até então burgueses¹. A mãe de família, a dona de casa, torna-se o centro de todas as atenções, primeiramente do Estado e, em seguida, dos publicitários².

Antes de abordar mais detalhadamente a questão dos lugares e modos de vida, julgo necessário esclarecer alguns conceitos e a postura que me ajudaram a trabalhar sobre essas questões. O primeiro conceito é o de dispositivo espacial. Na habitação, os dispositivos instalados, por exemplo a organização dos cômodos, propõem um modo de relações interindividuais (homens/mulheres, pais/filhos, patrões/empregados), mas também incluem a dimensão econômica (espaço de trabalho, de produção) e a sociabilidade ampliada (hospitalidade, recepção, modo de interação...). A noção de dispositivo aqui é compreendida como “a organização de elementos reunidos de determinada maneira para produzir um efeito (relativo a condutas e práticas), que a intenção por si só explícita ou implica”³. O exemplo mais surpreendente é o dos aposentos privados, compostos pelo quarto e seus anexos, que preserva a intimidade de uma pessoa e permite, graças à antecâmara, controlar de maneira muito sutil as relações com os visitantes, das mais públicas às mais privadas.



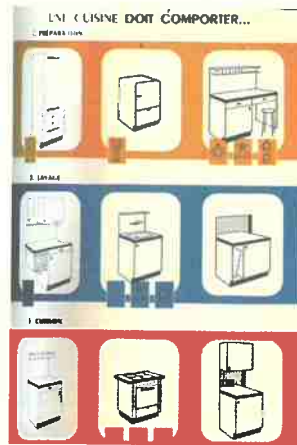
2

Capa de *Sciences et vie*, 1951.
“Aqui é ela quem sonha, mas ele quer sobretudo agradá-la.”

1 Monique Eleb, *L'apprentissage du chez-soi: le groupe des maisons ouvrières, Paris, Avenue Daumesnil, 1908, 1994.*

2 Yvonne Knibiehler, *Histoire des femmes*, 1991, tomo IV, e *Les pères aussi ont une histoire*, 1987.

3 Monique Elebe e Anne Debarre, “Architectures domestiques et mentalités. Les traits et les pratiques au XIXe siècle”, 1984-1985.



3
 "Une cuisine doit comporter...
 Préparation, lavage, cuisson" em
L'art ménager français, 1952.

4 Ver também *L'organisation ménagère moderne: du taylorisme chez-soi*, 1927.

5 Autora de *Si les femmes faisaient les maisons*, 1928.

6 O livro de Catharine Beecher, *The American Woman in the Home*, de 1869, será fundamental nesse sentido.

Essa noção é tomada de empréstimo ao dispositivo da cura psicanalítica freudiana, na qual a posição dos móveis, objetos ou quadros no gabinete, aquela dos corpos, assim como o controle dos campos de visão e dos olhares, constitui uma encenação que deve produzir efeitos.

Por outro lado, os documentos gráficos (quadros, fotos etc.) de interiores domésticos são uma mina para analisar o estado da sociedade, suas evoluções técnicas, suas maneiras de pensar e se conduzir, seus modos de vida. Podemos considerá-los como objetos de civilização, segundo a expressão de Pierre Francastel em *La figure et le lieu* (1967), porque "a relação objeto-figuração nos introduz à maneira de pensar de toda uma época".

A TAYLORIZAÇÃO E A VALORIZAÇÃO DO TRABALHO FEMININO

Voltemos aos espaços concretos. A cozinha é o lugar que mais evoluiu no século xx e também o lugar principal do trabalho feminino no lar. Christine Frederick, autora em 1913 de *The New Housekeeping*⁴, e Paulette Bernège⁵, que irá difundir suas ideias na França, fazem uma reflexão sobre o trabalho doméstico, a taylorização e a valorização do trabalho feminino. Essas autoras acreditam que o trabalho deve ser racionalizado e que é preciso implantar o "taylorismo no próprio lar"⁶. A mulher em sua cozinha é como em uma fábrica; é preciso estudar as suas ações e gestos para poder conceber uma cozinha racional e funcional. No período entre as duas grandes guerras, a cozinha é concebida em três "centros" que correspondem a três tipos de atividade: preparar, cozinhar, lavar/guardar/arrumar. Durante todo o século xx, essas funções diferentes serão a base da reflexão sobre sua organização.

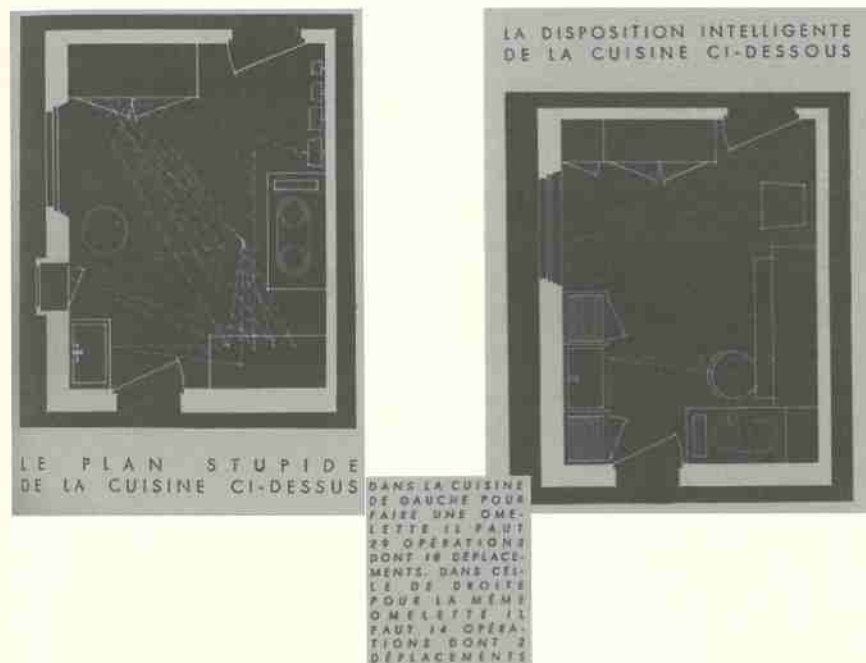
Trata-se de racionalizar a cozinha para diminuir "as tarefas da dona de casa", pois uma "cozinha ruim", desorganizada, cansa. A dona de casa faz um trabalho sério, aliás minuciosamente estudado, e deve se beneficiar de todos os saberes científicos, mesmo em uma cozinha mínima. Raramente a dimensão de prazer é levada em conta nessas demonstrações.

O tamanho da mulher e a altura das bancadas de trabalho são harmonizados, e são estabelecidas tabelas de alturas ideais. Vale notar que não se leva em conta a presença do homem em uma cozinha.

ca
e,
s,
e-
as
le
k-
o
o
e
5,
o
s
r
a
a
e
o
L
2

Voltemos à sua história. A cozinha evoluiu de espaço de serviço relegado ao fundo do domicílio para um espaço definido como principal, pois se tornou lugar de sociabilidade familiar. Antro de sujeira, a cozinha acabou se transformando e se deslocando para a fachada, adquirindo o *status* de rival da sala de estar, da qual ela é frequentemente um enclave na França .

No início do século xx, objetos e móveis instalados aleatoriamente na cozinha escondida tornam-se fixos e, conectados às redes de abastecimento, passam a ser denominados “equipamentos”. Essa não é uma revolução desprezível, já que os encanamentos fixos imprimem sua marca na organização do domicílio. Reagrupar esses ganhos é rapidamente considerado necessário para reduzir custos. Portanto, para compreender sua evolução é preciso evocar aquelas do trabalho caseiro, que irão mudar as relações homem/mulher, e também as evoluções técnicas e dos dispositivos arquitetônicos.



4
“La mauvaise cuisine, la bonne cuisine”, em Michel Dufet, *Meubles, ensembles, décors*, 1945.

7 Albert Laprade, observador há muito tempo dos costumes de seus contemporâneos e da produção arquitetônica. Albert Laprade em introdução a Pierre Bourget, *Habitations collectives: documents d'architecture française contemporaine*, 1950, p. 6.

8 Ver o capítulo "La cuisine et ses transformations", de nossa autoria com Anne Debarre, em *L'invention de l'habitation moderne, Paris, 1880-1914*, 1995, pp. 119-138.

Na distribuição do *habitat* aristocrático e burguês que herdamos, a cozinha era o lugar da sujeira e de "pessoas sujas" e devia ficar distante dos espaços de recepção. Foi preciso transformar essa imagem de "último reduto de insalubridade" na casa e refletir sobre sua concepção, para transformá-la em um lugar nobre da higiene e, ao mesmo tempo, entronizar a "senhora", a "dona de casa" perfeita. Para a criação do regulamento urbanístico de Paris de 1902, os arquitetos se perguntam se a cozinha era um cômodo principal das habitações e concluem que, com o desaparecimento de serviçais domésticos residentes, a "dona de casa" passa a ocupar a cozinha, o que faz dela um cômodo principal. Ela migrará, portanto, em direção à fachada. Todavia, nos anos 1950, os burgueses irão se melindrar com o fato de o desaparecimento de serviçais ter transformado a dona de casa em "empregada encarregada de tudo"⁷. Na França, a questão dos "serviçais residentes" é regulamentada logo após a Primeira Guerra Mundial, pois eles desaparecem, e nas residências de famílias ricas surge a empregada doméstica que não mora na casa dos patrões, o que transforma a habitação, a qual doravante não precisa ter andares ou quartos para serviçais. A dona de casa se ocupa da maioria das tarefas. No Brasil, isso não se aplica amplamente ao extrato da burguesia.

A cozinha se torna rival da sala principal e se liga à copa formando um dispositivo. Os convidados podem eventualmente ver a copa, jamais a cozinha. Essa organização será algo elementar no *habitat* burguês até os anos 1950.

O SURGIMENTO DA COZINHA EQUIPADA E RACIONAL

Os móveis da cozinha eram leves e podiam ser mudados de lugar. Eles se tornaram fixos, a princípio, nas habitações sociais filantrópicas do início do século xx. Paredes com armários especializados (para vassouras e apetrechos de limpeza, para panelas etc.), bancadas de trabalho, pia ligada ao encanamento hidráulico e fogão a gás com alças, constituem a primeira cozinha equipada na sala de estar.

A Société Groupe des Maisons Ouvrières, uma entidade filantrópica francesa, propõe em 1905, pela primeira vez, uma pequena cozinha equipada na sala de estar, que os congressos internacionais de HBM escolheriam como dispositivo para as classes populares⁸.

a
os
o
la
a
is
al
i-
n
is
o
e
o
s
s
r
s
n
.
.
.
e
.
i
l
.)

Essa cozinha irá influenciar a nossa até hoje, ou ao menos aquela que ainda é majoritária: tudo deve desaparecer assim que terminamos de cozinhar e de comer. As palavras de ordem são “limpa e bem arrumada”. Daí em diante, as mulheres se sentirão julgadas conforme o estado de sua cozinha. Uma entrevistada poderia dizer: “Minha cozinha está sempre limpa e em ordem, mesmo porque eu sou muito vaidosa”. Na sala de estar a cozinha fica invisível, pois é preciso deixar tudo bem arrumado e, de alguma maneira, fechá-la. Esses filantropos observam a transformação dessas cozinhas (luz, linhas de trabalho, boa circulação de ar, manutenção, eficácia da anfitriã etc.) e continuam aperfeiçoando-as. Três anos depois, em 1908, eles propõem uma cozinha aberta em alcova para as populações mais pobres.



5
Cozinha na sala de estar, rua Ernest Lefèvre, Paris, arquiteto Auguste Labussière, 1905.



6
A "Cozinha de Frankfurt". Arquitetos Ernst May e Grete Shütte-Lihotsky, 1926 a 1930, em *L'art ménager*, 1963.

9 Dissertação realização para a obtenção do seu Diplôme d'Études Aprofondies (DEA), posteriormente publicada em livro: *Cuisine, recettes d'architecture*, 2004.

10 Como *L'Architecture d'aujourd'hui, Techniques et Architecture* ou ainda *L'Architecture Française*.

11 Pierre Sonrel, "Les fonctions de l'habitation", pp. 242-243, 1947.

A COZINHA-LABORATÓRIO

A história oficial da arquitetura, que ainda não integrou a contribuição das Fundações Filantrópicas, sugere que a famosa "cozinha de Frankfurt" foi a primeira a marcar o século xx. Ernst May trabalha com Grete Shütte-Lihotsky, arquiteta vienense que se interessa por *design* e decoração. Ela produzirá entre 1926 e 1930 uma cozinha-laboratório, mais longa do que larga (3,44 metros por 1,87 metros), que fará muito sucesso e será copiada até hoje, pois convém ao domicílio de área útil reduzida. Ela foi bastante criticada por muitos moradores devido à sua estreiteza, que dificulta a presença simultânea de duas pessoas no ambiente. É, portanto, uma boa cozinha para solteiros, pois permite se deslocar pouco, otimizar o espaço e é muito econômica.

Entretanto, Catherine Clarisse concluiria⁹ que trabalhar nessa cozinha é algo muito difícil, pois, embora as mulheres não precisassem mais ficar na ponta dos pés para pegar uma panela, elas tinham de se ajoelhar para tirar uma panela do fundo de um armário baixo. Não obstante, essas cozinhas muito presentes no domicílio social continuam sendo construídas na atualidade.

A racionalização do trabalho caseiro em continuidade às reflexões sobre o taylorismo doméstico dos anos 1920 ainda está muito presente durante o pós-guerra nas revistas, ilustrações e exposições sobre habitação. Ela legitima o trabalho feminino no lar e incita a reconhecê-lo como tal. E o equipamento "moderno" que o "facilita" é desse modo apresentado como uma necessidade. A imprensa especializada dedica números especiais "ao equipamento das residências" e participa desse entusiasmo pela democratização do bem-estar¹⁰.

Em seu artigo sobre "as funções da habitação"¹¹ de 1947, o arquiteto e jornalista Pierre Sonrel analisa as "necessidades fundamentais" que devem ser atendidas nas moradias contemporâneas: alimentação, distração-conversa, sono, puericultura, arrumação, higiene, circulações. E dá ainda a seguinte definição de conforto: "O conjunto de regras a seguir, por um lado, para preservar o indivíduo dos rigores da natureza ao redor sem privá-lo de suas influências revitalizantes e, por outro lado, para aumentar suas

possibilidades de desenvolvimento físico e moral ao liberá-lo de tarefas enfadonhas". Nas revistas populares, a ênfase concentra-se no aspecto prático dos equipamentos, na arrumação e nos pequenos reparos, ao passo que as revistas especializadas adotam uma abordagem erudita do funcionalismo que se aproxima de reflexões sobre o *habitat* mínimo e reforça a imagem de um domicílio bem planejado, regrado e pouco flexível.

A CONQUISTA DA HIGIENE E DO CONFORTO PARA TODOS

Todavia, o conforto proposto nas revistas ilustradas ou nas exposições dos anos 1950 parece inacessível para a maioria dos franceses. Ao mesmo tempo, contudo, dispositivos ainda hoje considerados modernos são testados na habitação social, a exemplo das divisórias corrediças ou das moradias adaptáveis às horas do dia ou à evolução da família.

A França toda se lança em massa à aquisição de eletrodomésticos que se tornam verdadeiros "objetos de desejo"¹², sobretudo para as mulheres, e os decoradores e arquitetos tentam difundir em todas as classes sociais um mobiliário leve, depurado e sem elementos "rústicos" nem o "estofado". Dois cômodos são centrais nessa expansão do conforto: a cozinha e o banheiro. A primeira se transforma e se desloca no domicílio ao longo do século xx, conforme já mencionado, ao passo que o segundo deve ser criado e substituirá rapidamente o luxuoso quarto de banho mobiliado e adornado do século xix.

CONFORTO PARA TODOS, MAS CONFORTO NORMATIZADO

Os Salões de Artes Domésticas se empenham em fazer os franceses entrarem na era da modernidade por meio da posse de objetos, móveis e equipamentos que aumentem o conforto¹³. Equipar bem a casa também trará felicidade e poupará tempo e espaço, repetem as mídias sem cessar, e os anúncios representam isso. As enquetes, porém, revelam uma realidade totalmente diferente, e as comparações com outros países comprovam esse fato.

Lamentavelmente, esses equipamentos ainda não são acessíveis para todos, e "logo vem o choque com os preços altos para alugar esses domicílios,



7

A cozinha-laboratório e seu recanto para refeições, prolongados por uma despensa. Conjunto habitacional Maine-Montparnasse II, arquiteto Jean Dubuisson, 1959-1966.

12 Adrian Forty, *Object of Desire: Design and Society Since 1750*, 1992.

13 "Comment le Français veut-il être logé?", p. 27, mar. 1951. Após a guerra, o recenseamento geral da população em 1946, que inclui pela primeira vez questões sobre "os elementos de conforto: água, gás, energia elétrica, instalações sanitárias", mostra que um em cada três domicílios enfrenta superpopulação (duas pessoas por cômodo), mas sobretudo que apenas 6% das residências contam com ducha ou banheiro, que um em cada cinco domicílios tem banheiro privado e que somente 37% dispõem de água corrente! Todavia, ainda em 1951, uma enquete do Instituto Nacional de Estudos Demográficos (INED) mostra que 32% das pessoas entrevistadas "acham normal se lavar na cozinha".

o que assusta 'a massa' habituada a aluguéis a um preço irrisório"¹⁴. Apesar da padronização intensiva e da pré-fabricação, o ideal de conforto continua no terreno da aspiração.

Os espaços fotografados ou desenhados, esses objetos, esses textos do pós-guerra, nos falam da evolução das maneiras de fazer e de dizer, de gestos e do vocabulário. De fato, eles mostram a lenta aquisição do hábito cotidiano de se banhar, de usufruir o "progresso", porém a um ritmo diferente, conforme as classes sociais. A representação do conforto muda ao mesmo tempo que as sensações reveladas por esses novos objetos do conforto.

Nesses domicílios, nos quais se sente frio com grande frequência, as mulheres botam a roupa suja para ferver com produtos perigosos que agri-dem as mãos e transportam tachos de água fervente da cozinha para a sala de banho, caso haja uma. Gestos e riscos hoje esquecidos na Europa, embora tenham se passado somente sessenta anos; enfim, é um mundo totalmente diverso que se revela. Gestos esquecidos, como aquele de entrar e sair das tinas de banho, que também serviam para a lavagem das roupas (até que idade se consegue fazer isso?), em que a roupa suja às vezes é encharcada com um produto tóxico... E, em vista do ciclo longo e enfadonho de lidar com as roupas, achamos natural ter uma lavanderia aberta, o que permite escoar os vapores e secar as peças, e ter às vezes um cesto com roupas na sacada.

Geladeira é algo só conhecido pelos *happy few*, e o armário ventilado sob a janela da cozinha continua sendo a regra. Não se imagina ainda a pequena "revolução maquinista" que ocorrerá em breve, pois, evidentemente, a difusão da máquina de lavar e da geladeira tornará obsoletos todos esses objetos e as rotinas cotidianas ligadas a eles.

No folheto de venda de apartamentos nos arredores do centro comercial Parly 2, nos anos 1960, a foto da cozinha equipada é maior do que aquelas da sala de estar e do banheiro, os cômodos que supostamente atrairiam mais o comprador de um imóvel. Aqui são vendidos o conforto e seus objetos, mais o conteúdo do que o continente, e os equipamentos parecem mais atrativos do que a própria moradia. E se o "continente", ou envelope, condensa-se em tipos como as barras e as torres, a evolução do conteúdo, do equipamento, é

esar
nua

s do
stos
ano
for-
po

, as
gri-
ala
ora
nte
las
que
m
m
ar
a.
do
a
te,
es

al
la
o
is
s
n
é

o alvo de todas as atenções. E os franceses assim desenvolvem um enorme apetite pelos objetos da modernidade. Obviamente, os Estados Unidos e sua concepção de conforto passam a ser os modelos. Com isso, a sala de estar das moradias populares passa a mesclar sala e cozinha, agora rebatizada pelos promotores imobiliários de “cozinha americana”, termo que visa apresentá-la como o máximo da modernidade para obter maior aceitação de sua área exígua. Além disso, a construtora economiza uma divisória e/ou uma porta. Nós sabemos quais são as futuras consequências dessa ilusão perceptiva.

A ORGANIZAÇÃO DO DOMICÍLIO OU COMO CHEGAMOS A ISSO?

As normas, os códigos, as habilidades de toda a cadeia de produção da habitação acabaram gerando um tipo característico francês de moradia. O apartamento *référéndum*¹⁵ em 1959 já tem a planta comum de hoje em dia, porém, com áreas úteis maiores, pois um apartamento de quatro cômodos de uma HLM¹⁶ (sigla francesa para Habitation à Loyer Modéré) à época media 70 metros quadrados, enquanto o padrão *référéndum* para seis pessoas tinha 82 metros quadrados. Hoje em dia, o apartamento médio de uma HLM tem em média uma área útil de 73 metros quadrados, e normalmente se destina a apenas quatro pessoas.

Essa normatização de dispositivos e áreas úteis ocorre nos anos 1950 com a industrialização da construção de edifícios e perdura até hoje com leves ajustes, às vezes reversíveis, devido a novas preocupações que surgiram, como, por exemplo, a exaustão das fontes de energia (crise do petróleo) ou a adaptação da moradia para pessoas com mobilidade reduzida. A própria família é normatizada, pois o alvo recorrente das construtoras é a família nuclear com dois filhos. Foi também nessa década que engenheiros introduziram a divisão da moradia em partes diurna e noturna, uma particularidade francesa. Estavam preocupados em reagrupar os fluidos e apresentaram a proposta como utilitária na medida em que essa divisão permitiria, sobretudo, reduzir os custos. Já no *habitat* burguês é ainda comum a tripartição interna, a separação entre as partes públicas, privadas e de serviço que, durante muitos séculos, regeu a organização interna da habitação.

15 O *appartement référéndum* foi projetado por Marcel Gascoïn com base nos resultados de uma pesquisa realizada com moradores de habitações sociais, por encomenda do Ministério da Reconstrução em 1959.

16 Moradias alugadas a preços módicos, subsidiadas pelo Estado e construídas por entidade pública. A partir de 1945, as HLM viriam a substituir as HBM do período anterior.



8
Cortinas térmicas, reabilitação da Torre Bois-le-Prêtre (2009-2011), Paris, A. Lacaton, J. P. Vassal e F. Druot.

O interior das habitações coletivas também muda em termos de decoração. O entusiasmo pelos revestimentos de fácil manutenção, como a fórmica, mostra um último espasmo da onda higienista do final do século XIX encampada por todas as classes sociais. Os “móveis modulares” então se difundem, e o recanto para refeições, que prolonga a cozinha, assinala o desaparecimento da sala de jantar. O sofá diante da televisão na sala de estar também se banaliza nas classes populares, que anteriormente se reuniam ao redor da mesa da sala de estar.

Os domicílios construídos antes da guerra, que só raramente tinham instalações sanitárias, foram reabilitados e passaram de 13% de domicílios equipados – portanto, “confortáveis”, segundo o Instituto Nacional de Estatística e Estudos Econômicos (INSEE) – antes de 1945, para 90% em 1996 e 99% na atualidade. Além disso, a diminuição no tamanho das famílias é importante, e hoje em dia um domicílio acolhe em média 2,6 pessoas contra quatro no início do século XX, o que deve ter aumentado a sensação de conforto. A melhoria geral dos níveis de vida no pós-guerra também se reflete no *habitat*, que se torna, por muito tempo, a primeira fonte de despesas de consumo dos casais.

As preocupações ecológicas nesse início do século XXI aumentaram a atenção à influência do ambiente construído sobre a saúde dos habitantes. Desde o início do século XX, a relação com o ar mudou consideravelmente. A cubagem de ar por cômodo habitado foi mensurada, e a circulação de ar nos domicílios se tornou uma garantia de salubridade. Hoje em dia, tenta-se assegurar que o ar seja limpo tanto no interior das moradias quanto fora delas. As cortinas térmicas instaladas nas sacadas são uma tentativa de reduzir a energia gasta com aquecimento residencial, assim como a temperatura interna das moradias no verão.

Vamos, porém, mais longe. O aspecto social do desenvolvimento sustentável me parece ligado à consideração das fases da vida: sucessão de passagens da vida, evolução das representações e das novas condições de vida dos diversos grupos etários (sozinho ou com cônjuge, com ou sem filho, idoso ou muito idoso...). Há muito tempo essas situações despertaram o sonho de que o *habitat* siga essas mudanças, se adapte, que sua área útil aumente ou diminua conforme os momentos, sem que seja preciso abandonar seu espaço

familiar, seu bairro, a escola das crianças, seus vizinhos, os comerciantes de que são fregueses. Um espaço flexível, na verdade modulável, portanto reversível, que dispense a necessidade de se mudar de um bairro ou vizinhança pelo qual se tenha apreço. Esse ponto de vista é oposto à ideia de mobilidade externa e valoriza uma espécie de mobilidade dentro da própria residência. Outro fenômeno a considerar é que cada vez mais pessoas moram sozinhas e a vida conjugal parece menos atraente¹⁷.

Que modo de vida nos indicam essas reflexões? Podemos nos arriscar a dizer que há uma tendência a valorizar cada vez mais a sociabilidade entre pares em relação à vida conjugal. A valorizar, para alguns, uma vida em comum, na qual a partilha dos espaços não implica uma vida conjugal. Aparentemente, a tendência é de familiarizar as relações de amizade nos espaços adequados com a partilha de lugares comuns e preservando-se os espaços íntimos. Além disso, a permanência cada vez mais longa de filhos adultos na casa dos pais põe em questão, mais do que nunca, o tema da coabitação intergeracional, seja em função da crise econômica, seja em função da maior tolerância dos pais em relação à vida sexual de seus filhos na atualidade. E isso requer soluções espaciais.

Apesar de todas as mudanças arquitetônicas e sociais, o estereótipo do casal com dois filhos continua sendo a base do planejamento habitacional. Finalmente estamos começando a considerar as transformações na estrutura do grupo doméstico – famílias monoparentais ou recompostas, várias gerações partilhando a mesma habitação, coabitação entre pares... –, assim como seus ritmos de vida.

Formas especializadas de *habitat* surgiram, dando atenção especial à moradia de estudantes e pessoas idosas. Os apartamentos para grandes famílias recompostas ou coabitantes começam a ser considerados, mas, embora haja muitas reflexões a respeito, ainda há poucas construções de fato.

A divisão em cômodos especializados surgiu com o crescimento do individualismo. Como então compreender esse retorno atual do *loft*, essa preferência de certas pessoas pela ausência de compartimentos estanques, para além do mundo dos arquitetos que sempre associaram a beleza aos

17 “Há vinte anos, os casais perdem terreno”, escreveu Alain Jacquot, funcionário da divisão habitacional do Insee. “Em 1982, 83% dos homens de 35 anos viviam com companheiras; em 2005, 71% (no caso das mulheres: 85% e 74%). Em 2005, 11,3% das mulheres de 35 anos eram chefes de uma família monoparental e 8,7% moravam sozinhas (em 1982, 6,7% e 4,5%)”.



9

Habitat intermediário, Écoquartier de La Bottière-Chêne, Nantes, 2008. Agence Boskop. Cômodo em frente e cômodo adicional (*pièce +*).



10
Publicidade da Gaz de France em 2012. Todavia, uma evolução nas relações entre homem e mulher aparece até na publicidade. Ela é premonitória?

18 Henri Lefebvre, *Critique de la vie quotidienne*, 1947 e 1961, vol. 1 e 11, e seu prefácio no livro de Henri Raymond, Marie-Geneviève Raymond, Antoine Haumont e Nicole Haumont, *L'habitat pavillonnaire*, 1966. Mauss propõe observar as maneiras de fazer, os gestos da vida cotidiana, como uma interiorização de valores e da ética de uma sociedade. Ver Lefebvre, *Sociologie et anthropologie*, 1966, em particular "Les techniques du corps".

grandes volumes? A preferência pelo *loft*, difundida nas revistas de decoração e programas de televisão, ainda se restringe a uma pequena parcela da população, e hoje o termo *loft* se refere a todo *dúplex* com *expressiva* área útil, ao passo que originalmente o termo designava um edifício industrial ou comercial transformado em residencial. O grande *cômodo* multifuncional, a sala na qual todos viviam sob o olhar coletivo, caracterizava o *habitat* da Idade Média até o fim do século XVI.

Esse desejo pelo *loft* nos indicaria uma retomada dos valores familistas? Eles eram evidentes em certas moradias concebidas nos anos 1970 que adotavam, por exemplo, áreas distributivas, que tinham de ser atravessadas para se chegar a qualquer *cômodo* da casa, e que agora reaparecem, por razões de economia, com a supressão dos corredores... Nossas pesquisas em campo mostram, porém, a persistente demanda de intimidade dos habitantes, que instalam um compartimento de transição (*sas*) quando o arquiteto previu uma entrada pela sala de estar, ou que tornam a fechar os espaços abertos originalmente propostos – quarto ou cozinha abertos para a sala de estar.

As relações homem/mulher e pais/filhos na casa são cada vez menos os fundamentos da reflexão sobre sua organização, em prol de questões como sistemas construtivos, a busca pela redução de custos e a aplicação de normas técnicas, entre outras. Podemos, portanto, constatar que na produção atual as variáveis culturais, os rituais ligados aos diferentes grupos sociais, são negligenciadas. Não obstante, o respeito pelo usuário e seus modos de vida, a descoberta pelo meio arquitetônico da noção de modelo cultural, termo adaptado por Henri Lefebvre e Henri Raymond e outros com base na noção de *habitus*¹⁸ de Marcel Mauss, fez os arquitetos se lembrarem que o *habitat* é indissociável da cultura.

Ainda hoje, somente algumas iniciativas experimentais conseguem integrar as mudanças da sociedade como, por exemplo, a coabitação, a dissincronia entre as atividades do grupo doméstico ou o trabalho em domicílio. A maior parte da produção atual apenas raramente leva em conta observações sobre os modos de vida. E diante da escassez habitacional, a qualidade da oferta e a satisfação real dos habitantes não podem mais ser avaliadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEECHER, Catharine. *The American Woman's Home*. [1869]. Nova Jersey, Rutgers University Press, 2002.
- BERNÈGE, Paulette. *Si les femmes faisaient les maisons*. Orléans, Mon Chez-moi, 1928.
- BRETON, Paul. *L'art ménager français*. Paris, Flammarion, 1952.
- CLARISSE, Catherine. *Cuisine, recettes d'architecture*. Paris, Les Éditions de l'Imprimeur, 2004. "COMMENT le Français veut-il être logé?". *Sciences et Vie*, número especial, L'habitation, p. 27, mar. 1951.
- DUFET, Michel. *Meubles Ensembles Décors: recueil de documents et de commentaires sur la décoration d'intérieurs moderne contemporaine*. Paris: Editions du Décor d'Aujourd'hui, 1945.
- ELEB, Monique. *L'apprentissage du chez-soi: le groupe des maisons ouvrières, Paris, Avenue Daumesnil, 1908*. Marselha, Parenthèses, 1994.
- ELEB, Monique & DEBARRE, Anne. "Architectures domestiques et mentalités: les traites et les pratiques au XIXe siècle". In *Extenso*, n. 5, 1984-1985.
- _____. "La cuisine et ses transformations". In: *L'invention de l'habitation moderne, Paris, 1880-1914*. Paris, Hazan, 1995.
- FORTY, Adrian. *Object of Desire: Design and Society since 1750*. Londres, Thames and Hudson, 1992.
- FREDERICK, Christine. *The New Housekeeping*. Nova York, Double, Page & Company, 1914.
- _____. *L'organisation ménagère moderne: du taylorisme chez-soi*. Paris, Dunod, 1927.
- KNIBIEHLER, Yvonne. *Les pères aussi ont une histoire*. Paris, Hachette, 1987.
- _____. *Histoire des femmes*. Dir. Georges Duby e Michelle Perrot. Paris, Plon, 1991, tomo IV.
- LAPRADE, Albert. "Introduction". In: BOURGET, Pierre. *Habitations collectives: documents d'architecture française contemporaine*. Paris, Jacques Vautrain, 1950.
- LEFEBVRE, Henri. *Critique de la vie quotidienne*. Paris, l'Arche, 1947 e 1961, vol. I e II.
- _____. *Sociologie et anthropologie*. Paris, PUF, 1966.
- _____. "Préface". In: RAYMOND, Henri; RAYMOND, Marie-Geneviève; HAUMONT, Antoine & HAUMONT, Nicole. *L'habitat pavillonnaire*. Paris, ISU/CRU, 1966.
- MAUSS, Marcel. *Sociologie et anthropologie*. Paris, Presses Universitaires de France, 1950.
- SONREL, Pierre. "Les fonctions de l'habitation". *Techniques et Architecture*, vol. VII, n. 5-6, pp. 242-243, 1947.